

CAPOEIRA, UMA EXPERIÊNCIA ANARQUISTA

Renata Giovana de Almeida Martiello¹

Mestranda em FILOSOFIA do PPGF / UFRJ. Mestra de capoeira formada pelo mestre Peixinho do Grupo Senzala - RJ.

RESUMO

Este artigo é um convite para pensarmos sobre as possíveis e necessárias interfaces da capoeira com a construção de uma sociedade igualitária, livre e justa, através de um projeto que enfrente as colonialidades do saber e do ser. Valorizaremos ações que privilegiem e favoreçam os saberes que se constroem nas experiências vividas, a partir da prática da capoeira e de corpos de seres africanos na diáspora brasileira, LGBTs, dos corpos dos excluídos. Consideraremos esses como pensadores/as que estão fora das instituições acadêmicas produzindo saberes a partir de seus corpos em movimento. Assim, as lutas por existência das populações em situação de moradores de rua e da comunidade LGBTs serão tratadas como processos de produção de conhecimento contra hegemônicos, de autodeterminação e de produção de reexistência. A expressão desses corpos vivos e invisibilizados no dia a dia da cidade será nossa base de interpretação.

Palavras-chave: anarquismo; capoeira; decolonialidade; LGBTs; ação direta.

ABSTRACT

This article is an invitation to think about the possible and necessary interfaces between capoeira and the construction of an egalitarian, free and fair society, through a project that faces the colonialities of knowledge and being. We will value actions that favor and favor the knowledge that is built on lived experiences, from the practice of capoeira and the bodies of African beings in the Brazilian diaspora, LGBTs, from the bodies of the excluded. We will consider these as thinkers who are outside academic institutions producing knowledge from their moving bodies. Thus, the struggles for the existence of populations living on the streets and of the LGBT community will be treated as processes of knowledge production against hegemonic, self-determination and production of re-existence. The expression of these living and invisible bodies in the city's daily life will be our basis for interpretation.

Keywords: anarchism; capoeira; decoloniality; LGBTs; direct action.

¹Licenciada em EDUCAÇÃO FÍSICA pela Universidade Federal do Rio de Janeiro no ano de 1998, bacharel em CIÊNCIAS SOCIAIS pela Universidade Federal do Rio de Janeiro no ano de 2008, especialista em HISTÓRIA DA ÁFRICA E DO NEGRO NO BRASIL pela Universidade Cândido Mendes no ano de 2010. Mestranda em FILOSOFIA do PPGF / UFRJ. Mestra de capoeira formada pelo mestre Peixinho do Grupo Senzala - RJ. Interesses de pesquisa em capoeira na diáspora africana, capoeira enquanto filosofia popular brasileira, perspectivas da decolonialidade e políticas públicas.

INTRODUÇÃO

Este artigo é um convite para pensarmos sobre as possíveis e necessárias interfaces da capoeira com a construção de uma sociedade igualitária, livre e justa, através de um projeto que enfrente as colonialidades do saber e do ser. Aqui entendemos colonialidade “como uma lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais” (Costa, Torres e Grosfoguel, 2020: 35) e que segue apagando existências africanas em diáspora brasileira² e destoantes do que a sociedade moderna ocidental entende por normalidade. Valorizaremos ações que privilegiem e favoreçam os saberes que se constroem nas experiências vividas, a partir da prática da capoeira e de corpos seres africanos na diáspora brasileira, LGBTs, dos corpos dos excluídos. Consideraremos esses/as como pensadores/as que estão fora das instituições acadêmicas produzindo saberes a partir de seus corpos em movimento confrontando a ideia estabelecida pelas colonialidades que determinam que o “racismo também será um princípio organizador daqueles que podem formular um conhecimento científico legítimo e daqueles que não o podem” (Costa, Torres e Grosfoguel, 2020: 11).

Concordamos que a atitude decolonial precisa ser coletiva para que esses excluídos do banquete da modernidade iniciada em 1492 possam assumir o papel de pensadores e produtores de saberes plurais na busca da construção de um outro mundo onde outros mundos também sejam possíveis. Assim, as lutas por existência das populações em situação de moradores de rua e da comunidade LGBTs serão tratadas como processos de produção de conhecimento contra hegemônicos, de autodeterminação e de produção de reexistência.

Nossa proposição de análise se sustentará com os argumentos de Abdias do Nascimento, bem como com trabalhos de Ramón Grosfoguel, Nelson Maldonado-Torres, Joaze Bernardino-Costa, Frantz Fanon, Azoilda Loretto da Trindade, entre outros autores que aos poucos vão dando sustentação argumentativa para essa empreitada acadêmica.

Com Nascimento (2019) encontramos caminhos que propõem a construção de um outro estado nacional, o estado nacional Quilombista. Abdias desenvolveu sua proposta de

² A partir de estudos realizados junto ao site AJEUM Filosófico <https://ajeumfilosofico.com.br/> venho tentando substituir a palavra negro e preto por seres africanos em diáspora brasileira. Para saber mais sugiro acessarem o link do site.

organização social do estado a partir de uma leitura afrocentrada dos quilombos brasileiros, mostrando que eram ações de autogoverno fundamentadas em valores afro-referenciados. Seus argumentos nos permitiram visualizar uma imagem da condição social do afro-brasileiro e das dinâmicas em que se deu o processo de segregação vividos pela população africana na diáspora brasileira. Cabe ressaltar que tomar os quilombos brasileiros como exemplo nos leva por caminhos que valorizam a auto-instituição da sociedade,

os quilombos criaram formas de organização social que não marcavam semelhanças com as do dominador, caracterizada, por exemplo, com aspectos antiescravistas para o passado e anticapitalistas para o presente, portanto, definitivamente auto-instituinte, podendo ser chamada por revolução social, constituída a partir de uma ação direta. (Theodoro, Moraes e Gomes, 2016: 4)

Além disso, através da proposta e dos objetivos do quilombismo como recurso capaz de contribuir à reorganização social e política do país, baseado em uma sociedade livre, justa, igualitária e soberana, afirmamos que a capoeira tem ricas possibilidades de composição com esse projeto contra hegemônico.

Entender que a ordem estabelecida na colonialidade/modernidade nos coloca um estado de ausência de humanidade, como regra, para muitas pessoas, inclusive a comunidade LGBTQs, e isso nos leva a afirmar a desordem então como meta.

A ordem sob o manto normalmente de segurança e da paz busca verdadeiramente garantir o usufruto de enormes riquezas por alguns em meio a grandes necessidades e de escravidão de muitos. Simultaneamente, no mesmo diapasão, tudo que vai de encontro a ele é repellido e encaixado no conceito de desordem. Ademais, a ordem apresenta hierarquias sociais e a exploração de uns sobre outros como naturais. A ordem é a criminalização da luta e da ação direta, dos quilombos, por exemplo, em todo lugar e em qualquer tempo. A desordem -- bem como o anarquismo -- significou o extremo oposto: o incentivo de toda a luta, toda ação direta, toda revolta, contra esta ordem ignóbil. (Theodoro, Moraes e Gomes, 2016: 8)

Com Trindade (2013) foi possível perceber a inegável presença dos valores civilizatórios afro-brasileiros na gênese da capoeira, e nos ofereceu base para compreender como valores socio afetivos atravessam e são estruturantes das relações estabelecidas por esses excluídos entre si e com a sociedade moderno/colonial.

Os conceitos de decolonialidade, sociedade moderno/colonialista e giro colonial desenvolvidos por Costa, Torres e Grosfoguel (2020) ampliaram ainda mais a compreensão histórico filosófica que levou a existência dessas populações de renegados do capitalismo moderno e da invisibilização desses corpos. Ressaltamos que este artigo coaduna com o

entendimento de que o colonialismo e modernidade são dois fenômenos que iniciam juntos com a “descoberta” das américas e não como algo que acontece em conjunto com outros períodos históricos, e “afirmar que a modernidade por si só, como uma grande revolução imbricada com o paradigma da “descoberta”, tornou-se colonial desde seu nascedouro.” (Costa, Torres e Grosfoguel, 2020:32)

Nos escritos de Fanon (1968), por mais que este não tenha tratado de questões de gênero, e que pese seu lugar de enunciação teórica, encontramos argumentos que nos permitiram compreender os mecanismos que mantêm essas populações marginais quintessenciadas no mal, controladas pelos agentes de segurança do estado.

A luta pela terra é luta por moradia e o pão ainda é a busca diária de sobrevivência. O estado cinestésico de alerta dos colonizados para Fanon ainda se perpetua nessa gente em situação de moradores das ruas e praças e na população LGBTQs, pois a qualquer momento atos de violência os pode atingir, seja por motivo fútil ou pela incontrolável expressão de ódio dos sujeitos-cidadãos modernos.

Essa população recebendo diariamente a caridade do alimento que vem pelas mãos de bem intencionados projetos sociais, se mantém como corpos dóceis e, por mais que vivam em estado de alerta corporal, não vivem a prontidão para a guerra como sugere Fanon (1968). Sua prontidão está na garantia do pão nosso de cada dia e assim, não respondem ao questionamento feito sobre “como passamos da atmosfera de violência para violência em ação?” (Fanon, 1968: 54) contra o estado moderno capitalista, mas o fato é que são abandonados à própria sorte, ou azar, e tem necessidades básicas para sobrevivência, se tem fome, alguém precisa os ajudar a saciar essa fome, quem os dá de comer? Mesmo sem essa prontidão para guerra contra o estado que os oprime, essas populações de excluídos e invisíveis sociais podem ser consideradas os condenados da terra na modernidade. Aqui percebemos que a capoeira oferece estrutura socioafetiva e chancela a presença desses invisibilizados sociais em espaços onde antes lhes seriam negados ou eles seriam rechaçados.

CORPOS EXCLUÍDOS SÃO CORPOS POLÍTICOS

No território da cidade do Rio de Janeiro, esses invisíveis não têm espaço na conta da distribuição dos bens comuns do capital, são considerados desviantes da normalidade esperada

pela lógica hegemônica do capitalismo moderno. Nesse artigo apresentaremos argumentos que revelam que as pessoas em situação de moradores de rua, e pessoas em processo de transgeneralidade, são corpos políticos que não fazem parte dos processos sociais de produção e aquisição de bens, mas que mesmo assim, produzem saberes e possuem talentos diversos.

Compreendendo o pressuposto que “o colonialismo foi a condição *sine qua non* de formação não apenas da Europa, mas da própria modernidade” (Costa e Grosfoguel, 2016: 17), e que “raça e racismo se constituem como princípios organizadores da acumulação do capital em escala mundial” (Wallrstein, 1990 apud, Costa e Grosfoguel, 2016: 17) o papel dessa população que sobra do controle do trabalho exercido pelo estado está muito além de ser um exército de reserva. São pessoas vistas como degeneradas, *borderline*, que se situam abaixo da escala de humanidade, no nível daqueles que foram os escravizados e dos povos originários do séc. XVI, entravam na lógica da guerra instituída abaixo da linha do equador que pressupunha a salvação desses seres primitivos, selvagens e sem civilidade. A população acima referida ninguém quer saber da existência e o poder público só atua a partir de demandas de desordem, limpeza urbana e social. Não há nenhuma obrigação moral que vise desenvolver essa população renegada. Esses só existem nas fronteiras da sociedade, mas são sujeitos de direitos na teoria à revelia da vontade do estado, e são produtores de saberes. Seus corpos e suas existências são saberes explícitos caminhando pela cidade, produzindo sua sustentabilidade através da ajuda mútua, de redes criativas de proteção e geração de renda cooperativa. São corpos intensos e verdadeiros, mas que a sociedade os nega, não os alcança, nem os vê.

Na perspectiva do projeto decolonial, as fronteiras não são somente estes espaços onde as diferenças são reinventadas, são também loci enunciativos de onde são formulados conhecimentos a partir das perspectivas, cosmovisões ou experiências dos sujeitos subalternos. O que está implícito nessa afirmação é uma conexão entre o lugar e o pensamento. (Costa e Grosfoguel, 2016: 19)

Vamos então encarar as questões para além da capoeira enquanto expressão cultural de matriz africana e indígena na luta pela autodeterminação do povo preto na diáspora brasileira. Daremos enfrentamento aos diálogos necessários com aspectos de gênero, raça e classe, e também com a localização da capoeira enquanto prática decolonial /anarquista que une, para essas pessoas, o lugar epistêmico com o lugar social e assim contribui ética e politicamente para construção de um pensamento contra-hegemônico a partir desses corpos em movimento.

E compreender o trabalho da capoeira com essa população como ação direta libertária de ressignificação de subjetividades, resistência cultural, ética, estética e de possibilidades de aproximação com a agência quilombista. Assim sendo, passo as questões que vamos enfrentar: Quais ações de mestres/as de capoeira na cidade do Rio de Janeiro estão conectadas com as agências das pessoas LGBTs marginalizadas pela sociedade capitalista/ocidental e com os territórios marginalizados?

Iniciaremos apresentando trabalhos que acontecem a partir da capoeira e que representam possibilidades de ressignificação das existências para essas referidas categorias de “sub-cidadãos”. Ações que conectam a prática e o ensino da capoeira às populações de excluídos de humanidade e os conectam com os moradores da cidade que cumprem seus papéis de sujeitos - cidadãos. Com a apresentação dessas ações da capoeira faremos uma análise do impacto que causam e da capacidade de enraizamento nas lutas políticas de existência e reexistência dessas populações marginalizadas. A expressão desses corpos vivos e invisibilizados no dia a dia da cidade será nossa base de interpretação.

NA VOLTA QUE O MUNDO DEU, NA VOLTA QUE O MUNDO DÁ

Como mestra de capoeira sempre fiz uso do movimento de volta do mundo nas rodas de capoeira. Esse movimento consiste em dar uma ou mais voltas caminhando por dentro da roda, seguida ou não pelo outro capoeira que estiver no jogo. É aceitável e esperado que os capoeiras façam esse movimento por vários motivos, mas o que gostaria de ressaltar aqui é que a capoeira de fato deu a volta do mundo, temos a presença da prática e do ensino da capoeira em quase todos os países do globo terrestre. Chamo esse movimento de “volta grande do mundo” e poderemos falar dele em outro momento, pois percebo que estamos a todo tempo dando também pequenas voltas do mundo com a capoeira. É dessas pequenas voltas que queremos falar. Imaginemos uma intenção ancestral na gênese da Capoeira que a fizesse programada para servir de apoio aos corpos excluídos em busca de autodeterminação, em qualquer tempo e lugar. Mesmo se os capoeiras se deixassem cooptar para realização de alguns projetos hegemônicos de sociedade, a Capoeira sempre daria uma pequena volta do mundo e retomaria seu caminho contra-hegemônico, como um giro decolonial.

Não há nada mais terrível para os sujeitos-cidadãos modernos do que a possibilidade desse giro. A imaginação deles é preenchida com imagens de vingança, e as reivindicações mais básicas de justiça são vistas como evidência de discriminação reversa. (Costa, Torres e Grosfoguel, 2020:34)

A capoeira agindo na epiderme, no coração, no afeto, apoiada nos valores civilizatórios afro-brasileiros é revolucionária. Nosso corpo tem memórias ancestrais que reagem muito antes da mente conseguir decifrar o estímulo. O som do berimbau e dos atabaques dialoga com algo que antecede a percepção cognitiva. Antes que o pensamento possa produzir informações sobre que som é esse, o corpo já reagiu, é o arrepio poético da pele dizendo que o futuro é ancestral (Ribeiro, 2020), percebendo a afetividade presente. Fanon (1968) nos sinaliza para esses segredos que existem nas expressões corporais, e na riqueza que é o movimento dentro da roda, por mais que se referisse aos esvaziamentos da violência acumulada no colonizado, apresenta a força do corpo em movimento, parece até que conhecia a capoeira.

Em outro plano veremos a afetividade do colonizado esgotar-se em danças mais ou menos extáticas. Por isso é que um estudo do mundo colonial deve obrigatoriamente aplicar-se à compreensão do fenômeno da dança e da possessão. A relaxação do colonizado consiste precisamente nessa orgia muscular, no curso da qual a agressividade mais aguda, a violência mais imediata são canalizadas, transformadas, escamoteadas. O círculo da dança é um círculo permissivo. Protege e autoriza. Em horas fixas, em datas fixas, homens e mulheres reúnem-se num determinado local e, sob o olhar grave da tribo, entregam-se a um pantomima de aparência desordenada mas na realidade bastante sistematizada em que, pelos variados meios - negativas feitas com a cabeça, curvatura da coluna vertebral, recuo apressado de todo o corpo - expõe-se desde logo o esforço grandioso de uma coletividade para se exorcizar, para se libertar, para se exprimir. Tudo é permitido... dentro do círculo. (Fanon, 1968: 43)

MAIS DESORDEM POR FAVOR!

Vamos aos trabalhos de capoeira dentro do município do Rio de Janeiro que existem a partir de ajuda mútua, ação direta como prática libertária, autogestão e fundamentam-se nos princípios coletivos de organização quilombista.

Vamos entrar nessa roda!

Instituto Brasileiro De Capoeira Educação – IBCE

No ano de 2015 a capoeira tem notícia de um instituto que se formava a partir da experiência de mais de 20 anos de Mestre Ferradura no ensino da capoeira para crianças, jovens e adultos na cidade do Rio de Janeiro. A proposta do IBCE, segundo seu site oficial, era ser “uma preparadora e certificadora, com qualidade, democrática e gratuita, voltada a profissionais que trabalham ou desejam trabalhar com capoeira-educação” (IBCE, 2022c).

Dialogaremos com o projeto Capoeira Nem que surge em parceria com a Casa Nem e o projeto Capoeira de Rua, ambos idealizados e desenvolvidos organicamente pelo IBCE no município do Rio de Janeiro.

A casa NEM é uma casa para mulheres transgênero, mas também recebe homens trans e homens gays, totalmente autogerida e faz parte de uma rede nacional de ajuda mútua que se organizou em 2016 para oferecer um cursinho de pré-vestibular para a comunidade LGBTs, depois passou a ser um espaço para acolher transexuais, travestis e transgênero em situação de vulnerabilidade social. Fundada e coordenada por Indianara Alves Siqueira que é uma ativista transgênero brasileira e presidente do grupo Transrevolução. As histórias das moradoras da casa passam sempre por trajetórias de dor e apagamento de suas humanidades no processo de descoberta de suas identificações de gênero, apagamentos esses muitas vezes provocados pela própria família que os expulsa de casa. Símbolo de luta e acolhimento, a casa é o espaço que essa população tem para chamar de lar e se conectar com valores civilizatórios que são negados a todo tempo pela sociedade. A casa já passou por vários endereços, sofreu ações de despejo e reintegração de posse de imóveis ocupados e agora está no bairro do Flamengo, na zona sul carioca, em um imóvel cedido pela prefeitura para ser ocupado por um período de cinco anos. Antes da pandemia do covid-19 a casa se mantinha através da organização e realização de festas, debates, shows e oficinas de empoderamento e formação do público LGBTs. Totalmente gerida por ativistas trans, o espaço ampliou o leque de formação com aulas de corte/costura, fotografia, história da arte, libras (língua brasileira de sinais), yoga e, desde 2020, conta com aulas de capoeira do projeto Capoeira Nem. A casa é na realidade uma casa de passagem, o projeto pretende que o acolhimento dure até as pessoas conseguirem estruturar suas vidas e saiam da casa para dar lugar a outras. Daí a importância de oferecer cursos diversos de formação para as moradoras, visto que o mercado de trabalho segue a lógica racista, sexista, homossexista negando oportunidades a essa população. Através de uma rede de ajuda mútua, surgem oportunidades e abrem-se novas perspectivas de refazimento de humanidade para as moradoras da casa. Uma parceria importante nesse sentido se deu com a cozinha Gastromotiva³,

³Utilizamos o alimento como ferramenta de transformação social através da educação, inclusão e combate ao desperdício. Trabalhamos para gerar impacto social positivo no Brasil, México e El Salvador; e apoiamos projetos de gastronomia social em todo o mundo através do Movimento da Gastronomia Social.

que é uma ONG de cozinhas solidárias internacionalmente conhecida, com sede no bairro da Lapa, centro boêmio da cidade do Rio de Janeiro, onde funciona a preparação de alimentos em um espaço totalmente equipado e que produz alimentação vegana de excelente qualidade para bares e restaurantes do Rio de Janeiro. Essa parceria tem permitido as moradoras da casa conquistarem certa autonomia econômica e participarem de outras redes de solidariedade.

Inicialmente, a população transgênero começou a frequentar as aulas de uma ação mais antiga do IBCE que é o projeto Capoeira de Rua, mas sofreram preconceitos por parte dos alunos do Capoeira de Rua o que exigiu a separação dos dois trabalhos. Essas discriminações no interior dos grupos de excluídos sociais mostra a forma como se estruturam marcadores socialmente gerados pelo modernismo/colonialismo, pessoas em situação de moradores de rua podem estar identificadas com os valores normativos que justificam a própria ordem moderno/colonialista que os invisibiliza e os suprime a existência plena. A obra de Fanon (1968) é surpreendentemente atual nesse contexto quando nos mostra que “os valores morais da sociedade capitalista são passados de pai para filho” (Fanon, 1968: 28). Notadamente, ambas as populações citadas sofrem com o racismo que estrutura a sociedade moderno/colonialista, mas a condição dessa situação de preconceito e rejeição internos está na ordem do que Costa e Grosfoguel (2016) sugeriram com a distinção do lugar epistêmico e do lugar social. “o fato de alguém se situar socialmente no lado oprimido das relações de poder não significa automaticamente que pense epistemicamente a partir do lugar epistêmico subalterno.” (Costa e Grosfoguel, 2016: 19). E afirmamos que o preconceito se estende para além dos marcadores de cor da pele a toda e qualquer pessoa em situação de destoante do modelo de sujeito - cidadão instituído na modernidade/colonialidade.

Na excepcionalidade do período que vivemos devido a pandemia de Covid-19, vimos que a atuação da prefeitura do Rio de Janeiro para essas populações foi tensionada pela visibilidade internacional da pandemia que forçou a tomada de atitude da prefeitura do Rio a apresentar soluções de proteção às pessoas em maior vulnerabilidade social. Por meio da

(GASTROMOTIVA. **Gastromotiva**, c2022. #SOMOSGASTROMOTIVA. Disponível em: <<https://gastromotiva.org/>>. Acesso em: 20 de agosto de 2021).

Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos (SMASDH), em conjunto com a Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual (CEDS-Rio), foram inaugurados alguns Centros Provisórios de Acolhimento,⁴ um deles, o CPA IV, exclusivo para a população LGBT+, exatamente por estarem sofrendo preconceitos nos CPAs mistos. Nas interfaces com a capoeira, esse CPA IV oferecia uma kombi para levar as jovens, adultos e idosos transgênero para o Aterro do Flamengo/RJ local das aulas do Capoeira Nem, mas a parceria durou apenas três ou quatro meses até ser suspensa sem que nenhuma justificativa tivesse sido apresentada pela prefeitura. Os limites de atuação dessas ações institucionais se dão pela falta de diálogo com as populações que pretendem atuar, pois de acordo com depoimentos dos alunos do Capoeira de Rua e da Casa Nem, não houve nenhum tipo de consulta às demandas dessas populações por parte do governo a fim de oferecer um serviço mais qualificado. Segundo a própria população citada, existe o lugar para dormir e nada mais, não tem nenhuma possibilidade de formação, as pessoas ficam ociosas o dia todo. A atitude protetiva da prefeitura não tem nenhuma intenção de ser emancipatória, mas sim de manter apagado o holofote sobre o debate das políticas públicas e de direitos humanos para os considerados seres inferiores e manterem esses corpos dóceis e agradecidos.

O racismo é um princípio constitutivo que organiza, a partir de dentro, todas as relações de dominação da modernidade, desde a divisão internacional do trabalho até as hierarquias epistêmicas, sexuais, de gênero, religiosas, pedagógicas, médicas, junto com as identidades e subjetividades, de tal maneira que divide tudo entre as formas e os seres superiores (civilizados, super-humanizados, etc., acima da linha do humano) e outras formas e seres inferiores (selvagens, bárbaros, desumanizados, etc., abaixo da linha do humano). (Costa, Torres e Grosfoguel, 2020:59)

Percebemos nessa rede de projetos organizados pelo IBCE uma rede de afeto. Nas aulas de capoeira essas populações invisibilizadas passam a fazer contato, falar, ouvir e serem ouvidos. Ouvir as falas desses que não estão no centro é partir de uma outra centralidade, é aceitar a desordem como regra para enfrentamento da ordenada fala universal/ocidental. Todas essas falas carregam formas de contar outras possibilidades de existir que precisam ser ouvidas.

4 Os CPAs foram abertos com o objetivo de ampliar a capacidade da rede de acolhimento da Prefeitura para aumentar a proteção à população em situação de rua, evitando o contágio pela Covid-19. (PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Rio prefeitura**, 07 de agosto de 2020. Prefeitura inaugura mais um abrigo para população em situação de rua. Disponível em: <<https://prefeitura.rio/assistencia-social-direitos-humanos/prefeitura-inaugura-mais-um-abrigo-para-populacao-em-situacao-de-rua/>>. Acesso em: 20 de agosto de 2020.

Além disso, a humanidade que vem embutida nos diálogos dos corpos durante os treinos e jogos de capoeira transborda para os jogadores e ressignifica suas subjetividades, organiza suas mentes e vontades. Ouvi relatos de alunos do Capoeira de Rua que começaram a trabalhar, puderam alugar um apartamento para morar, firmaram laços afetivos como o casamento, alguns casaram com mulheres trans da Casa Nem e seguem a vida com intencionalidades, sonhos e desejos a serem realizados. Um caso virou notícia de jornal, pois tratava-se de um doceiro conhecido de Pelotas - RS que veio para o RJ trabalhar, mas acabou sem emprego e morando nas ruas. Frequentador das aulas e rodas do Capoeira de rua quando de uma reportagem para a TV local, foi reconhecido por colegas do sul o que deu início a uma rede de ajuda mútua para que ele recuperasse a dignidade e humanidade suspensas. Hoje mora em um apartamento alugado na Rocinha, está trabalhando, montou uma empresa a “Bondicomê”⁵ e segue fabricando doces e vendendo como ambulante nas praias da zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

Especificamente o projeto Capoeira de rua aconteceu a partir do Projeto Voar⁶, que consiste, a grosso modo, em uma rede de apoio mútuo a pessoas residentes nas ruas do município do Rio de Janeiro, oferecendo café da manhã nas ruas e praças do Aterro do Flamengo. Com uma articulação orgânica sem centralização burocrática, essa onda protetiva passa a contar com apoio do Instituto Lar⁷ que orienta a população em situação de moradores de rua na retirada de documentos como forma de aquisição de cidadania.

De forma totalmente autogerida e libertária, o Capoeira de Rua passa a fazer parte do dia a dia dos moradores de rua que são atendidos com aulas de capoeira em três locais cariocas – Laranjeiras, Aterro do Flamengo e Praça Paris. Homens, mulheres e crianças invisibilizados pelo poder público, esquecidos, sem políticas públicas que dessem conta de suas existências, passam a ter aulas de capoeira semanalmente.

5JORNAL O GLOBO. Confeiteiro que viveu dois anos nas ruas faz sucesso com doces que vende nas praias do Rio. Youtube, 17 de novembro de 2020. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=8hBq0jyp0oI>>. Acesso em: 21 de agosto de 2021.

6Grupo voluntário que desde 2005 prepara e serve café da manhã às pessoas em situação de moradores de rua e difunde atividades de desenvolvimento humano. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/projetovoarcafedamanha/>>. Acesso em 23 de agosto de 2021)

7Instituto LAR - Levante, Ande e Recomece resgata a dignidade de pessoas em situação de rua e dá assistência para que elas recuperem sua independência e se reintegrem à sociedade. Disponível em: <<https://www.institutolar.org.br/>>. Acesso em 22 de agosto de 2021)

A volta dos entendimentos entre os projetos Capoeira de Rua e Capoeira Nem se deu a partir de outro projeto do IBCE, o Roda com Rango, que é na verdade um desdobramento que surgiu a partir do Capoeira de Rua. Com aulas de capoeira na Praça Nelson Mandela no Bairro de Botafogo/RJ, o que começou como um compartilhamento de frutas entre os presentes ao final dos treinos de sexta-feira, passou a ter o apoio do projeto Fome de Viver⁸, que é uma ação de doação de quentinhas para o RJ e do projeto Gastromotiva (citado anteriormente) que conta com mulheres transgênero da Casa Nem como ajudantes de cozinha.

Muito além de um trabalho assistencialista, a roda com rango é uma ação que tem continuidade e permanência pois, além de receber a população em situação de moradores de rua para treinar capoeira e para comer, estimula o auto afeto e conecta essa população marginalizada com a possibilidade de participação nos processos sociais visíveis que dão noção de existência e humanidade a esses sujeitos. Nada é gerenciado pelo IBCE, as iniciativas acontecem a partir das relações de afeto que se estabelecem pela prática da capoeira. Autogestão, ação direta e apoio mútuo trouxeram esses invisibilizados para a centralidade de suas existências e para possibilidade de reconstrução de subjetividades.

CONCLUSÃO

A conexão a partir de valores civilizatórios afro-brasileiros – musicalidade, afetividade, cooperatividade, energia vital, circularidade, religiosidade – com a capoeira oferece outros patamares epistemológicos para pensarmos a vida e as relações entre as pessoas. Cosmologias africanas sustentam as práticas da capoeira e notadamente confrontam os valores universais impostos pelo colonialismo cultural europeu. Azoilda Loretto da Trindade (2013) quando conceituou os valores civilizatórios afro-brasileiros enfrentava as dificuldades que os projetos pedagógicos de redes públicas tinham para lidar com a presença de corpos negros nas suas salas de aula. Trazer para centralidade do debate valores que estruturam as epistemologias africanas foi fundamental para pensarmos fora da caixinha e colocar *mithos e logos* de mãos dadas e assim, enfrentar a hipervalorização moderna da razão como única forma possível para

⁸Grupo de moradores dos bairros das Laranjeiras, Flamengo, Catete e Glória, diante da pandemia do Covid-19 e crescente aumento da população de rua da região, decidiu preparar e distribuir refeições a quem não tem o que comer. Disponível em: < <https://pt-br.facebook.com/groups/962230534237815/> >. Acesso em 23 de agosto de 2021.

pensar o status de humanidade de uma sociedade. O enfrentamento à universalização do saber que os valores civilizatórios afro-brasileiros promoveram estão presentes nas ações da capoeira nesses projetos.

As ações sociais que envolvem as mulheres trans da Casa Nem e o grupo de alunos do projeto Capoeira de Rua, precisam ser analisadas uma a uma para separarmos o que se trata de assistencialismo e o que se trata de ação direta e ajuda mútua, pois nesse artigo objetivamos encontrar as conexões da prática da capoeira com uma proposta libertária de ação e de aproximação com a agência quilombista.

Partindo do entendimento de que o conceito de ação direta deve ser entendido “quando os homens através de suas próprias mãos, sem representantes, realizam as ações que resultarão na sua liberdade” (Theodoro, Moraes, Gomes, 2016: 9), só poderemos fazer a leitura desses movimentos da capoeira como ação direta a partir do entendimento de que a capoeira está se organizando de forma orgânica e independente de qualquer intervenção dos governos municipal e/ou estadual. Sendo oferecida nas ruas e praças públicas se apresenta aberta a todo e qualquer ser humano interessado em participar. A presença dos corpos LGBTQs e da população em situação de moradores de rua se dá pela confiança, segurança e respeito que essa população encontra na capoeira que está sendo oferecida, bem como, pelas conexões que geram possibilidades de superação das dificuldades econômicas impostas a essas pessoas pela ordem estabelecida pelos governos. Coadunando com os ideais quilombistas, podemos nos referir a essas organizações promovidas pela prática da capoeira nos projetos Capoeira de Rua, Capoeira Nem e Roda com Rango, como pequenas organizações auto-instituídas e mais uma vez com as pequenas voltas do mundo da capoeira.

Em suma, inúmeros quilombos (e suas várias formatações societárias) através da ação direta construíram espaços, territórios e sentidos étnicos que não marcava semelhança com o do dominador: aspectos antiescravistas, anti-estatais e anticapitalistas, portanto, claramente auto-instituinte, podendo ser chamado por revolução social, constituída a partir da ação direta de seus membros. (Theodoro, Moraes, Gomes, 2016: 10)

Se partirmos da premissa que a luta por liberdade passa pela elevação do status de humanidade dos sujeitos, o que vem sendo promovido pelas ações da capoeira é uma revolução de afeto que os permite acreditar em seus sonhos e buscarem caminhos para realizá-los. Nesse ponto é preciso retornar a relevância dos valores civilizatórios afro-brasileiros que promovem

conexões de afeto emancipatórios. Não podemos cair na falácia de pensar nessas pessoas sem afeto, cooperação, coletividade, sem expressões de humanidade.

O contato com a sociedade na condição de ser humanizado é realmente revolucionário para a população LGBTs e para pessoas em situação de moradores da rua, nesse sentido a afetividade nos pareceu uma forma relevante de elevar a auto imagem, a auto confiança e abrir possibilidades de reontologizar essas pessoas. O movimento cooperativo para emancipação dessas populações, seja pela motivação que for, ampliou e aproximou os sonhos individuais de cada um com uma agência coletiva permitindo maiores possibilidades de organização política e formando redes de proteção desses excluídos sociais. Também deflagra o fato de que os projetos institucionais para a população LGBTs e de rua não passam da superficialidade, não dialoga com as reais necessidades dessas pessoas. Não há vontade política de transformar essas existências, e os aparelhos institucionais de proteção e acolhimento são máquinas de produzir burocracias sem fim e não desenvolvem políticas de enfrentamento da desigualdade social.

O espaço está aberto para ações individuais de sujeitos-cidadãos e para caridade pública, mas também para propostas da sociedade civil organizada na ação direta como prática libertária. É Moraes (2020) quem nos diz que conceitos anarquistas podem nos ajudar na superação da sociedade racista, e porque não dizer da sociedade que exclui e marginaliza os corpos destoantes da generificação imposta com a colonização?

(...) ação direta – realização de atos pelas próprias mãos dos interessados, sem a necessidade de intermediários. Está diretamente ligada à ideia de autonomia, independência, negando assim a necessidade de representação política, econômica etc; ... Ajuda mútua, horizontalidade, igualdade, liberdade, abolicionismo penal, federalismo e a consequente negação das hierarquias, das autoridades, dos governos, do necro-Estado, das prisões são contribuições teóricas anarquistas que servem para lutar pela emancipação do jugo racista, patriarcal, militarista, igrejista, economicamente liberal, homofóbico, em uma palavra: liberdade! (Moraes, 2020:25)

Ainda com Moraes (2020), existe uma diferença estrutural entre o conceito de liberdade anarquista em comparação ao conceito de liberdade no pensamento liberal e enfatiza que “a concepção de liberdade do anarquismo é anticolonialista, é coletivista. A liberdade do liberal é individualista, é seletiva, é para poucos” (Moraes, 2020:25). Dito isso, não restam dúvidas sobre a conexão entre o conceito de liberdade e as ações do Capoeira Nem e Capoeira de Rua.

Especificamente sobre o conceito de ajuda mútua, podemos entender que a forma como a sociedade civil está se organizando para oferecer alimento, documentos e fazer parcerias de

trabalho com a população em situação de moradores de rua e a população LGBTs, está em consonância com aspectos da cooperação e parte do apoio, tanto de indivíduos, como de grupos sociais auto geridos. Não vejo assistencialismo nessas práticas que partem da sociedade civil.

As pessoas desumanizadas tem necessidades básicas que se não forem atendidas vão dar “trabalho” para os agentes da ordem pública. Estes existem para manter essas populações sob controle e invisibilizadas, portanto, promover essas populações para que façam parte da sociedade como cidadãos de direitos e deveres, na prática e na teoria é uma ação contra-hegemônica que conta com a força ancestral da capoeira. É preciso destacar que não se trata de buscar inseri-los na ordem estabelecida, visto que é ordenada para manutenção do status de exploração e opressão das populações consideradas desviantes, mas sim de estabelecer a desordem, a pluralidade de ações e de perspectivas para o existir de todos. Nesse sentido pensamos que esse formato de trabalho proposto pelo coletivo do IBCE em parceria com outras organizações da sociedade civil, pode promover outros mundos possíveis.

Corpos da população em situação de moradores de rua e LGBTs em plena zona sul carioca, na saída de uma das estações mais movimentadas do metrô do Rio, se reunindo, participando de uma atividade organizada de forma orgânica, se alimentando de forma saudável (roda com rango), celebrando a vida, chancelados pela capoeira, representa ações da agência Quilombista. Podemos afirmar que a onda de afeto que invade a Praça Nelson Mandela toda semana é capaz de produzir outras estéticas com a presença desses corpos políticos.

O igualitarismo democrático quilombista é compreendido no tocante a sexo (gênero), sociedade, religião, política, justiça, educação, cultura, condição racial, situação econômica, enfim, todas as expressões da vida em sociedade. (Nascimento, 2019: 305)

Com Nascimento (2019) vimos a sugestão de economia de base comunitária cooperativista, onde os bens produzidos devem ser obrigatoriamente apropriados por todos, as ações do coletivo do IBCE não só promovem a partilha de alimentos como apresentam uma coletivização da felicidade e do afeto. Cada uma das ações individualmente são promotoras de bem estar e de felicidade como um valor, como um bem, assim sendo, acontece a socialização da felicidade e do amor que provocam outras possibilidades de existir para os grupos marginalizados pela sociedade branca, racista, heterossexual e cristã.

Dentro da perspectiva quilombista, história, cultura, e arte, são referências importantes para construção de uma filosofia afro-brasileira. Com a capoeira, essas expressões aparecem de forma direta através dos corpos desses excluídos em movimento, dentro de um espaço igualitário na forma, nos conteúdos e na metodologia de ensino do IBCE. Assim sendo, a capoeira apresenta uma possibilidade interessante na interface com os objetivos do quilombismo, visto que trabalha na criação de “uma sociedade criativa, que procurará estimular todas as potencialidades do ser humano e sua plena realização” (Nascimento, 2019: 306).

Seguindo ainda os caminhos bem marcados do quilombismo e para concluir a análise desses movimentos da capoeira na cidade do Rio de Janeiro, sinto que temos um alento filosófico pedagógico, podemos perceber nessas ações fortes referências nos valores antirracistas, anticapitalistas, anti-imperialistas e antineocolonistas sugeridos por Nascimento (2019). Mesmo entendendo que estamos longe de construir um Estado Nacional Quilombista, todos os trabalhos estão apresentando formas alternativas de organização social às formas apresentadas pelo sistema capitalista liberal que nos organiza enquanto sociedade brasileira. As práticas da capoeira apresentadas nesse artigo são auto geridas pelo coletivo que participa delas, oferecem ambientes de empoderamento dos seres africanos na diáspora brasileira e de corpos brancos subalternizados, espaços de compartilhamento de afeto e felicidade, respeitam a diversidade humana, e constituem projetos de ação direta e de economia cooperativa.

Sobre a elaboração do conceito de pequena volta do mundo da capoeira afirmamos que, se seguirmos ouvindo na epiderme as vozes ancestrais dos berimbaus e atabaques e superarmos o canto da sereia do modelo colonialista que envolve uma enorme massa de capoeiristas em busca de ocuparem o lugar do colonizador moderno, encontraremos objetivos mais elevados no sentido de nos levar a novos processos de organização da vida e da sociedade. Processos esses que levem em consideração os outros, a alteridade e entenderemos que ou crescemos todos juntos, ou não evolui ninguém.

O quilombismo é um movimento político dos negros brasileiros, objetivando a implantação de um Estado Nacional Quilombista, inspirado no modelo da República dos Palmares, no século XVI, e em outros quilombos que existiram e existem no país. O Estado Nacional Quilombista tem sua base numa sociedade livre, justa, igualitária e soberana. O igualitarismo democrático Quilombista é compreendido no tocante a sexo, sociedade, religião, política, justiça, educação, cultura, condição social,

situação econômica, enfim, todas as expressões da vida em sociedade. O mesmo igualitarismo se aplica a todos os níveis do poder e de instituições pública e privadas. (Nascimento, 2019: 305)

A capoeira acessa essas minorias da nossa população se ancorando no afeto, no amor, na possibilidade de serem vistos, aceitos e inseridos no contexto da vida urbana como seres providos de humanidade, cultura, saberes e ensinamentos. O trabalho desenvolvido através dessa pequena volta do mundo que a capoeira dá, é de explosão de afeto e reconhecimento da humanidade, e aponta para caminhos outros de revolução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Joaze Bernardino; TORRES, Nelson Maldonado; GROSGOUEL, Ramon. (2020), Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Ed. Autêntica.

COSTA, Joaze Bernardino; GROSGOUEL, Ramon. (2016), Decolonialidade e perspectiva negra. *Revista Sociedade e Estado*, ISSN 0102-699231. [S. l.], v. 31, n. 1, p. 15–24, 2016. Disponível em: < <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6077> >. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

FANON, Frantz. (1968) Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira.

IBCE. Instituto Brasileiro de Capoeira-Educação. Disponível em: <https://capoeiraibce.com/?v=19d3326f3137>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

MORAES, Wallace. (2020), A Necrofilia Colonialista Outrocida no Brasil. *Revista Estudos Libertários*, 2 (3), (11/29). ISSN 2675-0619 <<https://revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/issue/view/1477/showtoc> > Acesso em 18/10/2021.

NASCIMENTO, Abdias. (2019), O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista. São Paulo: Ed Perspectiva; Rio de Janeiro: IPEAFRO.

RIBEIRO, Katiúscia. (2020). O futuro é ancestral. *Le Monde Diplomatique*. Disponível em <<https://diplomatique.org.br/o-futuro-e-ancestral/>>. Acesso em 14/10/2021.

TRINDADE, Azoilda Loretto (org.). Documentário: Africanidades brasileiras e educação. Cdnbi.tvescola.org.br, 2013. Disponível em: <https://cdnbi.tvescola.org.br/contents/document/publicationsSeries/182537Doc_africanidades.pdf> Acesso em 18 de agosto de 2021.

THEODORO, Gerson (Togo Ioruba); MORAES, Wallace de; GOMES, Flávio (2016). DOS QUILOMBOS AO QUILOMBISMO POR UMA HISTÓRIA COMPARADA DA LUTA ANTIRRACISTA NO BRASIL. *Revista da ABPN*, 8(18). Disponível em: <https://www.academia.edu/40845970/Dos_quilombos_ao_quilombismo_por_uma_hist%C3%B3ria_comparada_da_luta_antirracista_no_Brasil_notas_para_um_debate> Acesso em 13 de setembro de 2021.